

Ano 1.º

2.ª Série

Agosto de 1916

N.º 8 (60)



A SEMENTEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA-CRÍTICA E SOCIOLOGIA

Editor — Ismael Pimentel

Redacção e Administração

Proprietário e Director — H. Marques

CAIS DO SODRÉ, 81

Tip. R. Poço dos Negros, 81

LISBOA — PORTUGAL

(Formulaire de la loi sur la presse en Portugal)

Bitte, sendet Tauschnummer an:

Se pide envíen el canje a:

Ni petas vin sendi intersangon al:

Prière d'adresser l'échange à:

Please send exchange to:

Preghiera d'indirizzare il cambio a:

Queira enviar a permuta a:

A SEMENTEIRA

CAIS DO SODRÉ, N.º 81

LISBOA — PORTUGAL

Anarquismo e Sindicalismo

A questão de saber que posição devemos assumir em face do movimento sindical é, certamente, uma das mais importantes para os anarquistas.

Mau grado prolongadas discussões e diversas experiências, não chegámos ainda a um acórdo completo sobre esta questão; e a razão disto está talvez no facto de que ela não admite uma solução completa e permanente, graças às diferentes condições e às variáveis circunstâncias da luta.

Contudo, creio que o nosso fim poderia sugerir-nos um critério de conduta applicável às diversas contingências.

Nós desejamos a elevação moral e material de todos os homens; esperamos levar a cabo uma revolução que dará a todos liberdade e bem-estar, e estamos convencidos de que isto não pode vir do alto, por fôrça de leis e de decretos, mas que deve ser conquistado pela vontade consciente e pela acção directa daqueles que o desejam.

Mais que todos os outros, precisamos, portanto, da cooperação consciente e voluntária daqueles que, sendo

os que mais sofrem na actual organização social, são os que mais interesse tem na revolução.

Não nos basta — se bem que seja, certamente, útil e necessário — elaborar um ideal o mais possível perfeito, e formar grupos para a propaganda e a acção revolucionária.

Devemos converter na medida do possível a massa dos trabalhadores porque, sem ela, não podemos transformar a sociedade presente nem construir uma nova. E como, para fazer com que a grande massa dos proletários saia do estado de submissão em que vegeta e chegue à concepção anarquista e ao desejo de a realizar, é precisa uma evolução que em geral não se opera unicamente por meio da propaganda; como as lições que derivam dos factos da vida diária são muito mais eficazes que todos os discursos teóricos, devemos absolutamente tomar uma parte activa na vida das massas, e empregar todos os meios que as circunstâncias nos permitam, para despertar gradualmente o espírito de revolta, e mostrar à massa com o apoio destes factos, o caminho que conduz à emancipação.

Entre estes meios está em primeiro lugar o movimento sindical, e nós cometeríamos grande erro desprezando-o. Neste movimento, encontramos grande número de operários que lutam para melhorar a sua situação. Estes operários podem enganar-se quanto ao fim que alvejam e quanto aos meios de o alcançar, e enganam-se, segundo nós, a maior parte das vezes.

Mas, pelo menos, estes operários não se resignam à opressão e já não a consideram justa; esperam e lutam. Nestes operários podemos mais fácil-

mente depertar êsse sentimento de solidariedade para com os seus companheiros explorados e de ódio contra a exploração, que os conduzirá certamente à luta definitiva pela abolição da dominação do homem pelo homem.

Podemos induzi-los a pedir cada vez mais e com meios cada vez mais energicos, e dêste modo nos exercitamos e exercitamos os outros na luta, aproveitando as vitórias para exaltar o poder da união e da acção directa e promover maiores pretensões, e aproveitando também as derrotas para ensinar a necessidade de empregar meios mais enérgicos e soluções mais radicais.

Além disso — e isto não é a sua menor vantagem — o movimento sindical pode preparar os grupos de operários profissionais que, durante a revolução, tomarão a seu cargo a organização da produção e da permuta em vantagem de todos, extra e contra todo o poder governativo.

Mas, com todas estas vantagens o movimento sindical tem também os seus defeitos e os seus perigos, o que deve ter-se em conta quando se examina a questão da posição que devemos tomar como anarquistas.

Errico MALATESTA.

N'G2200

O Selvagem

SCENA VII

Arlequim e Lélío

Arlequim — (*A Lélío que entra*). Foi uma traição que me fizeste, trazendo-me a este país, onde a aparatosa bondade não é mais do que um laço armado à boa fé. Tudo aqui é falso!

Lélío — Ignoras o que é necessário fazer para conquistares a nossa amabilidade. Vou ensinar-te!

Arlequim — Vê se me demonstras que os homens não são uns velhacos!

Lélío — (*Passa a 2*). Aqui cada qual tem o que é seu. Foi para isso que se fizeram as leis. Elas castigam quem se apossa dos bens alheios sem os pagar, isto é, dar outra coisa em troca.

Arlequim — E o que é que se dá em troca?

Lélío — Dinheiro.

Arlequim — Dinheiro!? Outra vez! Mas que diabo é isso em que toda a gente fala? É algum deus?

Lélío — (*Mostrando-lhe a bolsa*). Vê.

Arlequim — (*Examinando*). Tem graça! (*Tira uma moeda da bolsa e examina-a*). É um feitiço! Livra-nos dos maus olhares? (*Levando-a à boca e tentando trincá-la*). Apre! é dura como o diabo! (*Passa a 2*).

Lélío — Não se come. Dá-se em troca do que se precisa. Serve também para fiança. Com êle temos tudo que queremos em toda a parte.

Arlequim — Que é fiança?

Lélío — Quando uma pessoa promete alguma coisa e não se tem confiança nela, exige-se-lhe uma fiança, isto é, outra pessoa ou o dinheiro que responda pelo cumprimento da promessa.

Arlequim — Deixa-me! Vai-te daqui! Foge da minha vista! Tenho medo das pessoas que precisam fiança!

Lélío — Eu não preciso.

Arlequim — Não sei. Para te acreditar é mister que me dês fiança. Mas o dinheiro não é pessoa. Como é que êle serve de fiança?

Lélío — Para nós vale mais que todas as pessoas e todas as palavras do mundo.

Arlequim — Já não me admiram todas as mentiras que tenho visto e ouvido. A palavra aqui não tem valor. A fiança! É preciso que sejam muito maus para terem destas cautelas!

Lélío — Agora já sabes o que é o dinheiro. Não se pode comer nem beber sem êle. Nada nos falta, porém, havendo dinheiro.

Arlequim — Afinal, não é muito mau... Diz-me onde se dá o dinheiro.

Lélío — Não se dá.

Arlequim — Então onde hei-de ir buscá-lo?

Lélio — Também não se encontra assim.

Arlequim — Então ensina-nos a maneira de o fazer.

Lélio — Se fabricássemos uma só dessas moedas enforcar-nos-iam.

Arlequim — Afinal como podemos obtê-lo? Ninguém o dá, não há onde ir buscá-lo, nem se pode fabricar. Não compreendo. (*Vai ao F. Desce a 1*).

Lélio — Vou explicar-te. Há entre nós duas classes de pessoas: os ricos e os pobres. Os ricos teem todo o dinheiro; os pobres não o teem.

Arlequim — Muito bem.

Lélio — Para adquiri-lo, os pobres teem de trabalhar para os ricos que lhes dão dinheiro pelo trabalho que fazem.

Arlequim — E enquanto os pobres trabalham, que fazem os ricos? Fazem civilidades?

Lélio — Dormem, passeiam, divertem-se, gozam a vida.

Arlequim — É muito comodo, mas deve ser muito aborrecido.

Lélio — Às vezes é bastante desagradavel.

Arlequim — Porquê?

Lélio — Os pobres só trabalham para adquirir o necessário; os ricos, se trabalham, é para adquirir o superfluo e multiplicam as necessidades dos homens. Nêles, não teem limites: a ambição, o luxo, a vaidade, devoram tudo! A indigência é producto da opulência.

Arlequim — Deste modo os ricos são mais pobres do que os pobres: carecem de mais coisas.

Lélio — Tens razão.

Arlequim — Ouve! Queres que te diga o que penso das tuas nações civilizadas?

Lélio — Diz.

Arlequim — Vocês são uns doidos com pretensões a ter juizo; uns ignorantes que se julgam uns sábios; uns pobres com a ilusão da riqueza; e uns escravos que pensam ser livres.

Lélio — Porque dizes isso?

Arlequim — São doidos porque se estafam por coisas inúteis; são pobres porque resumem o bem no dinheiro e noutras tolices, em vez de disfrutarem simplesmente a natureza, sem nada quererem possuir para gozarem livre-

mente tudo! São escravos dos seus bens que adoram acima da liberdade e dos seus irmãos, que prendem se êles lhes tiram uma particula do inutil que possuem. São ignorantes porque o seu saber consiste no conhecimento das leis ao passo que ignoram o bastante para não prescindirem de leis.

Lélio — Que queres que façamos?

Arlequim — Vai para o diabo! Foi para isso que me trouxeste aqui? No bosque não conhecia nem pobreza nem riqueza. Era amo e criado ao mesmo tempo. Todos trabalhavam para mim, e eu trabalhava para todos! E tiraste-me de lá para me ensinares a ser um desgraçado, um escravo civilizado? (*Passa a 2*).

Lélio — Socega. Sou rico. Dar-te-ei o que precisas.

Arlequim — Nada quero de ti. Como não dás nada por nada, e como de mim não podes obter dinheiro, quererás em troca que me entregue a ti como um escravo. Quero ser homem livre e nada mais. Manda-me para o meu sertão, quero esquecer que no mundo há pobres e ricos.

Lélio — Não serás meu escravo. Prometo fazer-te feliz.

Arlequim — Boas palavras! E a fiança?

Lélio — Dar-ta-ei.

Arlequim — (*Passa a 1*). Adeus! adeus. No meu país não é preciso dinheiro para se ser feliz, nem leis para se ter juizo e ser-se honesto. Lá não se dizem coisas bonitas, mas praticam-se.

SCENA VIII

Os mesmos, policia e o bufarinheiro

O policia — (*Indicando Arlequim*). Deve ser este.

Arlequim — Bom dia! Que cara que teem estes animais!

O policia — Viu por aqui um bufarinheiro?

Arlequim — Um bufarinheiro?

O policia — Um homem com uma caixa.

Arlequim — Que trazia umas bugi-gangas para enganar os outros?

O policia — Exato!

Arlequim — Um intrução! Ofereceu-

-me, à força, com civilidade. . . tudo que trazia. Aceitei para lhe ser agradável. Depois, como eu não lhe desse em troca uns réis quís que eu lhe desse tudo outra vez. (*Vendo entrar o bufarinheiro*). Ah! êle aí vem! Tomem cautela com esse animal! Não conhece as leis. Sabe o que vou fazer?

O policia — Diga.

Arlequim — Vou procurar a policia ou um juiz para que lhe ensinem as leis.

O policia — Tem razão. Venha conosco; nós o levaremos lá.

Arlequim — Agora não posso.

O policia — É forçoso que possa!

Arlequim — Tenho que fazer.

O policia — Não se faça tolo! Vá, marche! para a frente.

Arlequim — Hein? Que quer dizer?

O policia — Está preso!

Arlequim — Não quero.

O policia — Pois obrigado-lo.

Arlequim — Se me fazem zangar vou pedir ao juiz que também lhes dê uma lição de leis.

O policia — Vá! à minha frente!

Arlequim — Mau! mau! mau! Se me fazem subir o coração à cabeça, corro-os a todos!

O policia — (*Aos outros policias*). Vamos, agarrem-no.

Lélio — (*Ao centro*). Senhores, êste homem pertence-me.

O policia — É um bandido. Roubou êste homem!

O bufarinheiro — Sim, senhor, roubou-me!

Arlequim — Vai para o diabo! e mais toda a tua gente! Que país! Oferecem-nos coisas e depois prendem-nos!

Lélio — Estou pronto a pagar tudo.

O bufarinheiro — Só quero o que é meu.

Lélio — (*A Arlequim*). Ainda tens o que êste homem te deu?

Arlequim — Tenho. Está aqui. Toma! Pega! Já não quero nada de ti, homem honrado! Vão todos para o diabo!

O policia — Vá! prendam êste homem!

Arlequim — (*Lutando*). Não quero! Não quero! (*Os policias levam-no em charola. Lélio segue-os*).

FINIS

ADOLFO LIMA.

O TRABALHO NOTURNO NAS PADARIAS (a)

(Conclusão)

A teoria condiz com a observação prática. Efectivamente as doenças do coração occupam lugar importante na patologia dos operários padeiros. Em todos os autores que trataram das doenças profissionais se encontra a mesma opinião.

Desde Ramazzin (b), na sua obra *De Morbis Artificum* (1700), o primeiro que se occupou da patologia do trabalho, passando por Shoun (c) na Inglaterra (1862) que particularmente insistiu sobre as doenças cardiacas profissionais nos padeiros, até ao Dr. Epstein (d) de Munich (1908) no seu *Manuel des Maladies du travail*, em todos vemos attribuida grande importância ao esforço violento e repetido como gerando doenças de coração nos padeiros.

A todas estas condições em que trabalha o operário padeiro deve por fim juntar-se mais esta: a do trabalho noturno. A afirmação geral que o trabalho noturno acarreta notaveis prejuizos ao operário, não pode directamente confirmar-se com estatísticas rigorosas, mas indirectamente podemos conhecer a sua influência. É sabido quão longa é a jornada do trabalho e como ella occupa uma parte grande do dia. Acabado o trabalho da noite o nosso homem vai descansar quando toda a gente começa a despertar e quando de todos os lados surge o ruído. Que durma na

(a) Continuado do número anterior.

(b) A obra de Ramazzin, a primeira que trata da patologia do trabalho é verdadeiramente bôla e merece ser consultada para êste género de estudos. Pieraccini na sua *Patologia del lavoro*, Milano, 1906, diz que ella ainda hoje pode servir de texto. A transcrição longa e apropriada que se encontra na *Patologia del Lavoro* permite-nos avaliar quanto «de morbis artificum» feita em 1700 é um modelo de justa observação e de sciência ao mesmo tempo.

(c) Citado em Layet. *Higiene industrielle*, pag. 492.

(d) Em Bouteloup. *Le travail de nuit dans la boulangerie*. Paris, 1909, pag. 42.

oja, ou que o faça fora, as condições são as mesmas. Por toda a parte a vida começa com o romper do dia. A fadiga do trabalho vence-o nas primeiras horas, mas no fim de pouco, o padeiro desperta. De toda a parte sobem ruídos de carros, pregões, etc. Como repousar convenientemente, se ao silêncio da noite que a todos permite o descanso, succede agora o ruído ensurdecedor do dia? É esta vida repete-se todos os dias até o exaurimento completo que vem em breve. Sim, porque o padeiro não permanece muito tempo no officio. É esta a característica mais importante da insalubridade da profissão. Aqui pudemos falar com números. Nos arquivos da Associação de Classe dos Manipuladores de Pão de Lisboa, eu pude, com o auxilio de Sousa Neves, saber das idades destes operários. Assim, consultando a maioria dos boletins de inscrição, obtive a percentagem nas várias idades:

4	por cento	tinham	menos	de	18	anos.
16,5	»	»	»	»	21 a 25	»
24	»	»	»	»	25 a 30	»
9	»	»	»	»	30 a 35	»
15,5	»	»	»	»	35 a 40	»
5,5	»	»	»	»	40 a 45	»
3	»	»	»	»	45 a 50	»
4	»	»	»	»	50 a 55	»
2,5	»	»	»	»	55 a 60	»
0,5	»	»	»	»		»

Vê-se por aqui que muito poucos operários permanecem no officio além dos 40 anos e que a grande população é constituída por homens dos 18 aos 25 anos. Desta idade em diante pode dizer-se que o operário padeiro não volta em regra ao officio, depois de ter ido para a terra da sua naturalidade recuperar as forças perdidas, procura outro officio mais leve.

Sousa Neves nas descargas de sócios nos registos do Sindicato encontra uma saída de 42 por cento ao ano. Isto prova a instabilidade desta classe.

O Dr. Epstein (a) diz igualmente que a maioria dos padeiros deixam bem cedo o officio por outro menos fatigante. Isto se observa também na Alemanha onde, diz Bouteloup, o pessoal das

padarias está completamente renovado em 6 ou 7 anos (a).

Le Journal des Ouvriers Boulangers (Bäcker-Zeitung), de Berlim, dizia em Outubro de 1908 que havia em Berlim duas vezes mais padeiros na indústria eléctrica do que na padaria.

O Dr. Flogk, médico na caixa de doença dos padeiros de Christiania, depois de dizer que as principais doenças dos padeiros são as doenças do aparelho digestivo, a anemia e as insónias, acrescenta: «Como conheço especialmente esta questão, permitir-me-ei fazer notar que muitos operários deixam a cidade pelo campo ou outras terras mais pequenas, onde o trabalho é mais leve e de dia, outros ainda deixam a profissão sobretudo pelo comércio. As estatísticas pois são falsiadas forçosamente. Elas dão apenas conta dos operários robustos e resistentes e nunca daqueles que pela sua fraqueza tiveram de abandonar a profissão».

Também Perret, no seu magnifico relatório, já citado, apresenta a seguinte estatística. Em 192 operários padeiros interrogados por elle directamente na circunscrição industrial de Saint Etienne encontrou:

6	com	menos	de	18	anos.
46	»	»	»	18 a 21	anos.
50	»	»	»	21 a 25	»
38	»	»	»	25 a 30	»
22	»	»	»	30 a 35	»
15	»	»	»	35 a 40	»
4	»	»	»	40 a 45	»
7	»	»	»	45 a 50	»
3	»	»	»	50 a 60	»
1	»	»	»	60	anos.

Daqui vê-se que dos 40 anos em diante apenas 8 por cento continuam o trabalho e é de 73 por cento a proporção de operários com menos de 30 anos.

Estes resultados condizem com os obtidos por mim. Em Lisboa, como em toda a parte, faz-se o renovamento constante do pessoal das padarias que deserta duma profissão tão rude e insalubre.

(a) Dr Epstein. *Manuel des Maladies du Travail*, 1908.

(a) Bouteloup, obra citada, pag. 48.

Quais são pois as consequências últimas de todo este trabalho que exige enormes esforços musculares, que tem um longo horário, que é feito por homens que dormem de dia (e portanto mal) e que não dormem o suficiente?

Ei-las: a anemia, a tuberculose, os reumatismos, as bronquites, as pneumonias, o enfiseuma, as doenças do coração, as perturbações nervosas, as doenças infecciosas agudas. Em Lisboa, diz-me Sousa Neves que o que mais se observa são anemias e reumatismos. Este inteligente operário conta-me como pode fazer estas afirmações. A Associação de Classe dos Manipuladores de Pão tem uma caixa de subsídios para a doença dos seus sindicados. O operário trata-se com qualquer clínico e vem ao Sindicato pelo subsídio. «Aqui veem pois bater todos», diz-me êle, «e como lido com esta classe há muitos anos, o meu espirito de curiosidade leva-me a indagar dos males dos padeiros. Uns veem cheios de reumatico e a esses conheço-os logo pelos movimentos tolhidos. Outros se lhes pergunta do que sofrem, respondem invariavelmente: Não sei o que tenho. Muito cansaço, não posso *puçar* uma massa. O médico diz que vá para a terra descansar.

Não erramos muito clinicamente considerando estes homens como tuberculosos. E são-o em verdade. As estatísticas são difíceis de permitir tirar resultados neste ponto de vista, atendendo à instabilidade da profissão. Muitas destas estatísticas até podem induzir em erros, dando uma morbidade anormal e uma mortalidade baixa quando feitas apenas nos indivíduos robustos que resistem ao trabalho ou nos recém-chegados ao officio.

Vários autores concordam numa vasta percentagem de tuberculosos entre os padeiros. O Dr. Epstein (a), de Munich, examinando 98 padeiros na aparência saudáveis e não submetidos a nenhum tratamento médico, encontrou em 32, afecções do pulmão, isto é, encontrou doentes 1 padeiro em cada 3.

Em Londres, Fox, no período de 1890-1893, apurou as causas de morte em 4000 membros da Caixa do Sindicato dos Operários Padeiros e encontrou os seguintes números: de tísica morreram 24,4 por 100, ou seja um quarto, e juntando bronquites e pneumonias o número de mortes por doenças dos órgãos respiratórios subiu a 61 por 100 (a).

Em Viena as estatísticas são mais espantosas. Entre os membros das Caixas profissionais de padeiros e confeitores de Viana, mais de metade dos casos de morte são devidos à tuberculose e mais de dois terços às doenças das vias respiratórias em geral (b). São os próprios inspectores officiais que assinalam em outros pontos muito diferentes da Austria, o aumento espantoso da tuberculose entre os padeiros (c).

Em Veneza o professor Loriga, médico adjunto do Ministério do Trabalho italiano, encontrou a mortalidade, por tuberculose, entre os padeiros, elevada a 18,27 por 100 (d).

Bertillon (*Morbidity et mortalité par professions*, na *Revue d'hygiene*, de 1891), avalia a mortalidade dos padeiros em Paris como ultrapassando muito não só a mortalidade inglesa e suíça como também o conjunto da população parisiense masculina.

Eis os números de mortos referidos a 1000 vivos, tendo entre parentises os algarismos da população masculina de Paris (e):

20 a 29 anos.....	12,4	(11,1)
30 a 39 anos.....	16,2	(14,9)
40 a 49 anos.....	24,4	(21,2)
50 a 59 anos.....	39	(31,2)

Porque é que o padeiro é de tal modo tuberculoso? Simplesmente porque o seu officio o coloca fora de todas as condições normais de hygiene e de saúde. Êste homem cujo trabalho é dos mais penosos, vive sem sol e sem

(b) Boutiloup, obra citada, pag. 45.

(a) Dr. Zadek, citado em Boutiloup, pag. 46.

(b) Boutiloup, pag. 46.

(c) *Inchiesta sub lavoro notturno dei fornai*. Roma, 1906.

(d) Boutiloup, pag. 49.

(a) Dr. Epstein. *Manuel des Maladies du Travail*, 1008. Citado em Boutiloup, 1909.

ar. Durante o dia, próprio para trabalhar e alimentar-se, dorme. Durante a noite, luta com a massa dolorosamente, numa casa quente, onde sente de momentos a momentos a necessidade de vir, suando e meio nú, tomar o ar fresco do exterior. A tuberculose dos padeiros, e dum modo geral as suas doenças, são naturais e logicas.

Portanto, como não concluir que esta profissão está abaixo da média sanitária.

AFONSO MANAÇAS, Médico.

No túmulo de Napoleão

Há pouco tempo estive perto da sepultura do velho Napoleão — um túmulo magnífico de ouro e doirados, preparado quasi para uma divindade morta — contemplando os sarcófagos de marmore raro e sem nome onde repousam por fim as cinzas desse homem insaciavel. Inclinei-me por sobre a Balaustrada e pensei na carreira do maior soldado do mundo moderno.

Vi-o passeando sobre as margens do Sena, contemplando o suicídio. Vi-o em Toulon; vi-o reprimindo a população nas ruas de Paris; vi-o à frente do exército da Itália; vi-o atravessando a ponte de Lodi com a tricolor na mão; vi-o no Egito à sombra das pirâmides; vi-o conquistar os Alpes misturando as aguias da França com as aguias dos rochedos. Vi-o em Marengo, em Ulm e Austerlitz. Vi-o na Rússia, onde a infantaria da neve e a cavalaria impetuosa espalhavam as suas legiões como o inverno as folhas secas. Vi-o em Leipzig na derrota e em desastre — impellido por um milhão de baionetas recuando sobre Paris — apresado como uma fera — banido para Elba. Vi-o sobre o campo horrivel de Waterloo, onde o acaso e a sorte se combinaram para destruir as fortunas do seu primeiro rei. Vi-o em Santa Helena de mãos cruzadas atrás das costas, contemplando o mar solene e triste.

Pensei nos orfãos e nas viuvas que elle tinha feito — nas lagrimas que ti-

nham sido derramadas para glória sua; na única mulher que sempre o amou, expulsa do seu coração pela mão fria da ambição. Declarei que preferiria antes ter sido um camponês francês e usar tamancos. Preferiria ter vivido numa choupana, com as videiras trepando sobre a porta, as uvas crescendo purpureas beijadas pelo sol do outono. Preferiria ter sido o pobre camponês, com minha pobre companheira ao lado, fazendo meia e renda ao pôr do sol, quando o dia se extingue no céu — com as creancinhas sobre os meus joelhos, os bracitos em volta de mim — preferiria ter sido este homem, decaindo no silêncio mudo da poeira sem sonhos, do que ter sido essa personificação de força e assassino conhecido por «Napoleão o Grande»,

*

O amor é o único arco-iris nas nuvens negras da vida. É a estrela da manhã e da tarde. Brilha sobre as crianças, e espalha o seu esplendor sobre os túmulos tranquilos. É a mãe da arte, inspirador dos poetas e dos filosofos. É o ar e a luz de todas as afeições — construtor de todos os lares, incendiário de todos os fogos em todos os corações. Foi o primeiro a sonhar a immortalidade. Enche o mundo com melodia — porque a música é a voz do amor. O amor é o magico, o feiticeiro, que muda em alegria as coisas despreziveis. É o perfume dessa maravilhosa flôr, o coração, e sem essa sagrada paixão, esse divino desmaio, nós somos menos do que bestas, mas com elle o coração é céu, e nós somos deuses.

R. G. INGERSOLL.

Seja qual for o governo, a liberdade é um mito e a harmonia social uma illusória utopia. Enquanto existir autoridade, a ambição atormentará os espiritos, o odio permanecerá nos corações, aniquilará os melhores sentimentos, o egoismo perpetuará as suas maldades e a rebeldia estará latente em todas as almas conscientés e generosas.

SPIRUS-GAY.

PELA JOEIRA

Ab uno disce omnes . . .

Em reunião magna de livres-pensadores anti-clericais, um zoofito, *ne pas encore classé*, para Muséum póstumo de cuja espécie parece ter sido edificado o Reino dos Céus, aconselhou aos oradores do comício a realizar em Santarem contra a *gorada* festa da academia a S. Luís Gonzaga, a que se abstivessem de atacar os padres para não susceptibilizarem a população, muito reconhecida a um deles, há pouco falecido, que deixou em testamento uma certa quantia para ser distribuída pelos pobres.

Este zoofito é um dos dirigentes do livre pensamento «Mundial».

. . . da união segregada

O *Diário do Govêrno* — o de verdade, da rua do seu nome, publicou «este suelto»: «profusamente foi ontem distribuído o seguinte patriótico e honrado conselho»:

PORTUGUÊS. — Se és patriota faze guerra sem tréguas a todo o leitor e vendedor do jornal nosso inimigo *A B C*. Persegue-os, por que são traidores!»

Horas depois, no mesmo dia, *A Tarde* traduzia de inimigo os trechos que provocaram o *patriótico e honrado* conselho: trechos que não leu nem vendeu . . . em castelhano.

No meu caminho

Oiço dizer:

Quê se torna necessário impôr aos senhores uma diminuição nas rendas das casas, proporcional ao valor delas ou às posses de quem as habita, — à imitação do que em outras nações se fez; e

Que o govêrno deve decretar o estabelecimento dum único tipo de pão, de peso legal e com um só preço, para atenuar a carestia da vida, — à imitação do que em França se pratica.

Naturalmente inquirio que passos se dão para obtenção de tais medidas. E o que posso apurar convence-

me de que os inculcadores da imitação só dessa glória ficam contentes.

Um pedagogo

O unionista Sr. Ginestal Machado, que, salvo erro, é professor e reitor dum liceu, afirma que a instituição militar deve sempre prevalecer, pois dela depende o progresso social dos povos e a solidariedade entre as nações. Leio êste disparate e quêdo-me a pensar como sairão das mãos de educadores dêstes, os rapazes que lhes são confiados . . . Até parece que se me embrulha o estomago! — comentaria o homem da Joaquina, se soubesse ler.

Palavras significativas

Pelo que vejo em um jornal, a Federação dos Sindicatos Operários Mexicanos, pedindo a intervenção de Pablo Iglesias junto dos operários norte-americanos para que se evitasse a guerra dos Estados Unidos com o Mexico, teve êstes dizeres:

«Fieis aos nossos princípios libertários, esgotaremos todos os meios necessários para evitar o conflito iminente; mas se, desgraçadamente, os nossos esforços fracassarem, saberemos repelir pela força a agressão da poderosa nação . . .»

Ao leitor que lhe parece?

Na Alemanha

Tendo tomado parte nas manifestações operárias de 19 de Maio, em Berlim, por forma que não agradou ao kaiserismo, Liebknecht foi preso, pro-

cessado e condenado. Não me refiro ao facto para protestar contra a sentença — o que seria vão — mas para deixar consignado que, pela sua atitude corajosa, aquele deputado socialista vem resgatando nobremente as suas culpas.

Foge da politica!

O senhor da instrução determinou que se recomende aos professores primários que se devem abster de se imiscuir demasiadamente na politica partidária, local. É uma recomendação esta que, devendo agradar-me por julgar a politiquice um mal, se me afigura no entanto como que uma excepção para as praças de pré da instrução pública, e por isso mesmo odiosa...

União e concórdia

Olhem como a quer o Sr. Presidente do Ministério:

«Há creaturas que teem ainda complacências para com os nossos inimigos, e há meses que dura a união sagrada: o govêrno a que preside, tem sido tolerante com o fim de que essas creaturas reconsiderem e voltem ao seio dos bons patriotas. Mas a hora souu e vai terminar essa tolerância, porque é inadmissivel na ocasião presente.

Dôa a quem dôer, nada poderá romper esta união, e ela há de continuar firme até ao final da guerra».

Infelizmente

O crítico financeiro do *Diário de Noticias* afirma que, no nosso meio o espirito de resistência pela solidariedade e pela previdência não criou ainda, decisivamente, as suas raizes.

A resistência pela solidariedade! Até os que estão do outro lado reconhecem que não existe entre nós!

RESUMO DE HISTÓRIA GERAL

(Continuação)

362, Epaminondas é assassinado na batalha de Mantinea.

359, Filipe proclama-se rei da Macedônia,

. Foi contra êle que Demostenes dirigiu as suas célebres *Filípicas*. Foi assassinado quando preparava uma campanha contra a Pérsia, depois levada a cabo por seu filho e sucessor.

O que os grandes homens e senhores teem custado aos povos!

358, cerco de Chios e Bisâncio.

357, morre Hippocrates, o «Pai da Medicina». Era natural de Tessália; estudou e ensinou em Atenas.

357, morre Demócrito, filósofo grego a quem é atribuída a concepção da teoria Atômica. A sua alegre disposição fez com que o apelidassem «filósofo do riso» e uma irónica tradição diz que fechava os olhos para não ser distraído nas suas investigações.

356, nasce Alexandre, o Grande — pelas suas proezas militaristas. Conquistou Tebas e a Pérsia, derrotou Dário, invadiu a Síria e a Fenícia, assenhoreou-se de todas as praias ao longo do Mediterraneo, conquistou o Egipto e fundou Alexandria, retirando afinal sobre Babilónia, querendo fazer da antiga cidade a capital do Império que sonhára, mas morreu onze dias depois.

De nada lhe valeu o ser ambicioso.

356, é destruído pelo fogo o templo de Efeso, citado pelas suas condenações da heresia Nestoriana, uns pobres diabos que acreditavam na divindade de Deus e o tinham como filho de uma Maria.

355, Rodas, Bisancio e Chios, proclamam a sua independência.

346, termina a terceira grande guerra religiosa.

GLOSSÁRIO (a)

Fechner, Gustavo (1801-1887), filósofo e fisiologista alemão. Ainda que um metafísico e um adepto de Schelling, começou os seus trabalhos de psicologia física sobre um terreno puramente experimental. Espírito e Matéria são para ele da mesma natureza, e apenas representam para o entendimento humano duas diferentes vistas do mesmo fenómeno. As suas leis são as mesmas. Os seus *Elementos de Psico-Física*, um trabalho que fez época, apareceu em 1860.

Fourier, Francisco Maria Carlos (1772-1837), escritor socialista fran-

cês; com Roberto Owen e Saint Simon, foi um dos tres principais fundadores do socialismo moderno. A ideia principal da sua teoria, foi: Pleno desenvolvimento da natureza humana, livre de todas as peias artificiais, é condição absolutamente necessária para se conseguir a felicidade e a virtude na sociedade, enquanto que a miséria e o crime são as conseqüências do constrangimento anti-natural que a presente sociedade impõe ao homem, ainda que permitindo-lhe trabalhar a fim de satisfazer as suas necessidades. A necessidade duma reconstrução da sociedade baseada na associação inteligente, partindo destes princípios. Principais trabalhos: *Tratado dos Quatro Movimentos*, 1808; *O Novo Mundo Industrial*, 1829. Uma importante escola do socialismo, que incluiu entre os seus defensores Considérant, Leroux e muitos outros, foi desenvolvida pelos seus pupilos. Para informação a seu respeito, veja-se a *História do Socialismo*, por Kirkup.

Godwin, Guilherme (1756-1836), escritor político inglês. O seu principal trabalho foi *Um inquérito a respeito da Justiça Política e sua Influência sobre a Felicidade e Virtude Geral* (2 vols., Londres, 1793), em que ele foi o primeiro a expôr as ideias do Comunismo Anarquista. Por justiça «política» compreendia ele a realização dos princípios de moralidade e verdade na vida da comunidade. Mostrou no seu trabalho que um Governo, pelo mero facto da sua existência — pela sua própria natureza — se opõe ao desenvolvimento de hábitos morais; e da mesma forma a propriedade privada; anteviu o tempo em que cada um, livre de toda a coerção e actuando conforme com a sua livre vontade, procederá para o bem da comunidade conduzindo-se todos em suas acções pelos princípios da razão pura. Tendo sido envolvido muito de perto em uma perseguição com os seus amigos, acusado de jacobinismo e republicanism, Godwin deixou de fora, na segunda edição do seu trabalho sobre *Justiça Política*, tudo quanto na primeira edição tinha escrito no sentido comunista.

(a) Continuado do número anterior.

Grove, Guilherme Roberto (1811-1896) físico inglês; escreveu em 1842 a mais notável das memórias, e em 1856 um livro, sobre a unidade das forças físicas, em que êle provava que o som, o calor, a luz, a electricidade, o magnetismo e a acção química não são «substâncias» ou «entidades» separadas, como tinham sido descritas até então, mas são meramente formas diferentes de vibrações das moléculas de que todos os corpos físicos são constituídos. Todas estas formas diferentes de vibrações (primeiramente chamadas *forças*) podem ser transformadas umas nas outras; e todas elas não são mais do que modos diferentes do movimento mecânico. Um movimento mecânico da massa, tal como a queda dum malho na bigorna, ou a rotação das rodas dum comboio quando o travão é aplicado, pode produzir todos estes modos de movimento: som, calor, luz, electricidade e magnetismo. *Vice-versa*, todas estas formas de movimento molecular — som, calor, luz, electricidade, magnetismo e acção química — podem ser transformadas uma na outra (o calor em luz ou electricidade, etc.), ou em movimento da massa de corpos físicos, como vemos nas maquinas eléctricas e de vapor dos caminhos de ferro. Grove também teve a coragem de perguntar se a gravitação universal não é uma simples resultante de todas estas vibrações moleculares percorrendo todo o universo.

Haeckel, Ernesto (nasceu em 1834), biologista e filosofo alemão. Foi um dos primeiros e um dos mais entusiastas seguidores de Darwin; pouco depois da aparição da *Origem das Espécies*, publicou (em 1866) o mais notável dos trabalhos, *Morfologia Geral*, seguido da *História Natural da Criação*, em que êle fez a primeira tentativa para esclarecer os diferentes grãos de evolução, desde os simples organismos até ao homem. Nos últimos anos escreveu dois trabalhos, agora largamente divulgados, *O Monismo como laço de união entre a Religião e a Ciência*, e *Os Enigmas do Universo*, em que pôs de parte o dualismo religioso que opunha

os céus à terra, a alma ao corpo, etc.; mas em vez de chegar a uma concepção puramente dinâmica do universo, como se poderia ter esperado pelos seus anteriores trabalhos, inclinou-se para a concepção metafísica (Hegelian) do «Espírito» como sendo uma emanção da «Matéria».

Hegel, Jorge Guilherme (1770-1831), filosofo alemão, cujas ideas exerceram na Alemanha uma profunda influência no pensamento do seculo dezanove, durante o periodo de reacção depois da derrota da Grande Revolução Francesa. O seu sistema filosofico divide-se em tres ciclos do pensamento. O primeiro é a Logica — a sciência da «Idea em si própria» (*Idee an sich*). Na segunda parte, a Filosofia da Natureza, a Idea é tratada em «si», como alguma coisa que tem tomado a forma da sua contradição — isto é, da Natureza, seus seres e fenomenos. Na terceira parte, a Filosofia da Opinião, o processo é descrito pelo qual a Idea, que na Logica era a «Idea em si própria», e na Natureza a «Idea fora de si própria» (*Idee ausser sich*) aparece agora como «Opinião» — a «Idea em si e fora de si própria» (*Idee an und fur sich*). Estas tres formas da Idea são conhecidas como teses, antiteses e sinteses. O mal que esta filosofia tem feito em animar as investigações scientificas fora do verdadeiro caminho que abriu no fim do seculo XVIII, dando uma nova autoridade à interpretação biblica da Natureza e ao reinado das generalisações arrebatadoras baseadas sobre o uso das «palavras» metafisicas, tendo um sentido vago e fluctuante — pode ser melhor apreciado quando vemos como todas as descobertas que estavam já preparadas no fim do seculo XV. II foram retardadas por meio seculo na sua aparição; e também quando vemos a influência desta filosofia em assuntos politicos — os Hegelianos afirmando que «tudo quanto existe é rasoavel», desculpando assim as peores formas de reacção politica e religiosa.

(Continúa).

UTILIDADES PARA TODOS

Calendário de Agosto

Domingo	—	6	13	20	27	—
Segunda feira	—	7	14	21	28	—
Terça feira	1	8	15	22	29	—
Quarta feira	2	9	16	23	30	—
Quinta feira	3	10	17	24	31	—
Sexta feira	4	1	18	25	—	—
Sabado	5	12	19	26	—	—

Fases da lua

Durante o mês, a lua terá as seguintes fases:

Quarto crescente — Dia 6, às 21 h. e 5 m.

Lua cheia — Dia 13, às 0 h. e 0 m.

Quarto minguante — Dia 20, às 12 h. e 53 m.

Lua nova — Dia 28, às 17 h. e 24 m.

Agricultura

Nêste mês os agricultores devem:

Colhêr os frutos já criados, com cuidado e sem os pizar, guardando-os no «madureiro». As peras amadurecidas em casa são mais saborosas, porêr as ameixas e os pecegos são muito melho res colhidos maduros.

Enxertar, agora de borbulha, a ameixeira, damasqueiro, macieira, pecegueiro, pereira, etc.

Semear acelgas, agriões, azedas, cenouras, cerefolio, couves, especialmente repolhos, espinafres, luzerna, nabos, rabanetes, salsa, sorgo, trevo, etc.

Higiene e medicina

28.— O chá mais propriamente dito, que é o da Índia, de uso comum, auxilia a digestão do alimento quando mais abundante e substancioso, facilita o efeito dos bons medicamentos e produz boa disposição.

29.— O chá da erva cidreira é de muito conhecida utilidade nos padeci-

mentos espasmodicos e nas flatulencias; repetido por dias provoca a menstruação feminina quando empatada, principiando a tomar-se logo que se sint a falta, ou quando se receie sua supressão, desde o dia que se devia esperar.

30.— O chá da sargacinha ou erva de sete sangrias, também serve para o mesmo fim; e mais ainda para suspender o sangue pela bóca, quer saía dos pulmões, quer do estomago; e muito aturado, até substitue inocent mente a sangria nos casos em que se julgue precisa.

31.— O chá das flores e fôlhas da tilia é peitoral e dos melho res para promover transpiração nas constipações e catarros.

31.— O chá de ouregãos em maior quantidade, muito aproveita para o mesmo fim na gente e nos animais.

Artes e Indústrias

29.— Para caldear ferro ou aço, emprega-se com vantagem o borax (tincal) ou sal amoniaco.

30.— Para caldear aço emprega-se também a seguinte mistura: Sal amoniaco 1 parte, em peso, borax (tincal), 10 partes.

Pizam-se as suas quantidades juntas até se reduzirem a pó, levam-se ao lume até obter um calor branco, despeja-se e deixa-se esfriar; depois reduz-se a pó para ser empregado.

31.— Para soldar ferro estanhado, emprega-se resina ou clorido de zinco (acido muriático).

32.— Para soldar cobre e latão emprega-se amoniaco ou clorido de zinco.

33.— Para soldar zinco, emprega-se o clorido de zinco (acido muriático).

34.— Para soldar chumbo, emprega-se o cebo ou resina.

35.— Para soldar chumbo e tubos de estanho, emprega-se resina e azeite doce.

Várias

24.—Um jornal da Sociedade de Horticultura da Gironda, aconselhava para destruição das formigas, o espalhar um bom punhado de guano sobre o formigueiro. Em pouco tempo as formigas estão mortas e os ovos inteiramente destruídos.

25.—Um bom remédio contra os percevejos, consiste em empregar nos móveis, camas, armações, etc., uma solução de unguento mercurial na mesma quantidade de petróleo.

26.—Lêmos que para impedir que estalem os vidros dos candieiros de petróleo, sujeitos a um grande calor repentino, basta fazer com um diamante um risco na parte inferior destes vidros. Experimentaremos, que não é cara a receita.

27.—Para obter ovos com mais facilidade, aconselha-se a dissolver um quilo de cal viva em 12 litros de água. Põe-se nesta solução o milho destinado às galinhas, meche-se bem para que êle fique bem impregnado. Deixa-se depois secar e dá-se às galinhas na mesma quantidade do costume e o resultado não se fará tardar.

Culinária

23.—Para preparar a sopa de rabo de boi, faça-se embranquecer com água e sal, durante 10 minutos, um rabo de boi, que se tenha cortado em bocados; em seguida escorra-se bem, ponha-se em uma caçarola com caldo: um ramo de cheiros, cebola e cravo; deixe-se cozer; cozem-se separadamente cenouras, cortadas aos quadrados. Na ocasião de se servir, deitem-se na terrina os bocados de rabo de boi, junte-se-lhe as cenouras, cubra-se de caldo e sirva-se com pedacinhos de pão torrado. Esta sopa deve ser muito apurada.

24.—Prepare-se coelho à marinheira, cortando-o em bocados; cora-se uma porção de boa manteiga, deitem-se em seguida os bocados de coelho, que se farão côrar; junte-se uma pouca de farinha, algumas cebolas pequenas, alguns cogumelos, uma capela de chei-

ros, sal, pimenta, uma chavena de caldo e dois copos de vinho branco, fazendo ferver a fogo vivo.

25.—Há um modo de preparar o pepino, excelente e inofensivo. Raspam-se os pepinos de modo a obter quatro colheres de raspas; junte-se outras quatro colheres de azeite doce, fino, e meia colher de vinagre, além de sal, pimenta da Índia e pimenta malagueta. Mexe-se tudo muito bem e sirva-se com carne assada, ou outro qualquer prato identico.

23.—Faz-se *Vinho de Ginjas*, aproveitando apenas a polpa ou parte carnuda das ginjas bem maduras e deixando-as fermentar doze horas depois de pizadas. Espreme-se o suco e abandona-se a si próprio; separa-se a espuma que produzir e depois ajunta-se um arratel (450 gr.) de açúcar para cada oito de sumo. Deixa-se fermentar durante oito dias e logo que estiver claro, engarrafa-se.

Auxílio À SEMENTEIRA

Para ajudar a manter a existência desta publicação, actualmente tão cheia de dificuldades, recebemos mais o seguinte auxilio voluntário:

Chaves —	J. M. Paiva.....	50
Évora —	M. C. Sousa.....	18
Lisboa —	C. Pires.....	50
Peabody —	M. Martins.....	235
Pôrto —	A. Pereira.....	20
»	C. Rodrigues.....	06
»	D. Castelhana.....	10
»	E. Gonçalves.....	10
»	J. Campos.....	20
»	J. Ferrão.....	05
»	J. J. Guimarães.....	09
»	M. Azevedo.....	05
»	M. Júnior.....	05
»	S. Lucena.....	10
Setúbal —	Excursionistas.....	100
Total.....		553

O interesse de cada individuo e o de toda a colectividade, devia ser o mesmo, porque se cada um tratasse apenas dos seus interesses individuais, toda a sociedade humana seria dissolvida.

CICERO

A excursão de «A SEMEITEIRA»

Realizou-se efectivamente no domingo, 9 de Julho, a anunciada excursão de recreio à cidade de Setubal, promovida, como dissémos, pelo Grupo Editor de *A Sementeira*, que assim teve ensejo de ver reunidos em alegre confraternização trinta e tantos camaradas de ambos os sexos, que tantos foram os que tomaram parte no passeio, alguns d'elles vindos expressamente, para esse effeito, de Sacavem, Amóra, Valdera e Vendas Novas.

A partida dos excursionistas de Lisboa e de Sacavem effectuou-se às 8 horas e 15 minutos, da estação do Terreiro do Paço, ficando em terra alguns retardatários que chegaram momentos depois do vapor ter largado. No Barreiro e durante a viagem de caminho de ferro reuniram-se-lhes os das outras localidades supra-mencionadas.

Cerca das 10,30 horas desembarcavam em Setubal os excursionistas, que não tendo lobbri-gado qualquer representante do «Centro de Recreio e Propaganda», que se propuzera organizar a visita à serra da Arrábida, se dirigiram, depois de passarem pelo estabelecimento do dedicado camarada José Quaresma, a quem cumprimentaram, para o Restaurante Bocage, onde se effectuou o almoço.

Tendo-se reconhecido que não era possível, por falta de tempo, ir em demanda da serra da Arrábida, deliberaram os excursionistas seguir para Palmela, mas antes visitaram as Associações dos Soldadores e dos Marítimos, ambas instaladas em sede própria, trazendo dessa visita as melhores impressões. O primeiro daqueles sindicatos operários, que está situado na principal artéria de Setubal, a Avenida Tódi, possui um amplo edificio, muito bem mobilado e limpo, com uma sala de sessões de primeira ordem, a qual tem na parte superior uma vasta galeria. A luz entra ali a jorras e todas as dependências são muito arejadas.

A sede da Associação dos Marítimos é um sumptuoso edificio com dois pavimentos, há pouco acabado de construir. Não pôde ser totalmente franqueado aos excursionistas por não ser esperada a sua visita e consequentemente, estar ausente o detentor das chaves. Puderam, porém, aquelles admirar a escola destinada aos filhos dos marítimos, instalada no rés-do-chão, e que, no género, é o que conhecemos de mais perfeito, excepção feita à Escola-officina n.º 1.

Na occasião em que os excursionistas visitaram a excelente escola estava em pleno labor intelectual uma alegre ninhada de rapazitos, que no dia seguinte ia a exame, e que, serenamente, se entregava às últimas provas escolares sob a direcção dum dos seus professores, Martins dos Santos, o qual, arrancado por uns instantes à sua util missão, se pôs com a maior amabilidade à disposição dos visitantes, descrevendo pormenorizadamente o funcionamento da aula e prestando outros interessantes esclarecimentos. Também alguns camaradas marítimos que acompanharam os excursionistas através a sua estada em Setubal, deram vários esclarecimentos, pelo que saíram agradavelmente im-

pressionados daquele belo templo de educação.

Em seguida partiram os excursionistas, em trens e *char-à-bancs*, em direcção à vila de Palmela, atravessando a linda estrada, que dum e outro lado se apresentava cheia de verdura, e arvoredo, em certos pontos formando túnel, e de entre a qual sobresaíam numerosas árvores frutíferas, predominando as ginjeiras, que quasi chegavam ao alcance da mão, como a oferecer-se aos proletários que ali passavam.

Chegados à pitoresca vila, subiram os excursionistas às ruínas do velho castelo, que ficam ao cimo da montanha, de onde se disfruta um panorama soberbo. Percorrendo-as em todas as direcções, paravam de quando em vez não só para admirarem a linda paizagem que se estendia sob os seus olhos, mas também para encherem os pulmões de puro oxigénio.

Visitaram também a sede da Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais, que tem organizados 330 trabalhadores e onde contamos dedicados camaradas.

Infelizmente aproximava-se a hora do regresso e assim a breve trecho todos voltavam à vila, onde jantaram rapidamente, tomando depois novamente os carros que os levaram por uma outra estrada, também circundada de verdura, para a estação do caminho de ferro de Palmela, onde, depois da despedida aos camaradas marítimos de Setubal, tomavam o comboio que em plena tarde os conduzia para o ponto de partida.

Ainda o sol ia alto quando os excursionistas de Lisboa e de Sacavem saltaram na estação do Terreiro do Paço, lamentando todos que tam cedo fossem obrigados a regressar quando, se não houvesse sido suprimido o comboio que de Setubal partia às 20, poderiam ter gosado por mais tres horas as belezas naturais de Palmela e seus subúrbios.

Durante o almoço, no Restaurante Bocage, em Setubal, foi aberta, por iniciativa dum camarada de Sacavem, uma quete a favor dos presos por questões sociais, que rendeu 2\$800 réis, quantia que foi entregue à comissão de auxilio e defesa aos presos por questões sociais, com sede na Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Também na mesma occasião foi feita uma quete em favor de *A Sementeira*, que rendeu 1\$00.

¿ Achas util e necessária a nossa propaganda? Convida os teus amigos a auxiliar voluntariamente «A Sementeira».

Lembra aos mais renitentes que uma assinatura não chega a custar meio centavo (5 réis) por semana. Quanto mais nos auxiliarem mais nós melhoraremos o aspecto material da publicação; tudo que se receber reverterá a favor da propaganda.

A Sementeira publica-se no dia 1 de cada mês.

COISAS DISPERSAS

O papel que empregamos n' **A Sementeira** custava, antes da guerra, 1\$60 cada rêsma, e custou-nos agora 3\$60, com tendência para aumentar. Como se há de manter a existência de **A Sementeira**, se não dispözerem todos de mais um pouco de abnegação e esforço pela propaganda?

É necessário que nos auxiliem, angariando novos assinantes, promovendo a venda avulsa do maior número possível de exemplares, subscrevendo-se cada um como puder, na medida das próprias forças.

Esta publicação não é apenas do grupo editor; é de todos quantos amem e tenham por necessária a difusão e propaganda das ideas que aqui defendemos.



O camarada S. Roviera, actualmente em Bilbao, Espanha, promete-nos colaboração interessant: para o proximo número de **A Sementeira**. De Portugal temos, de promettimentos, um sacco cheio; vamos vêr se com os de longe somos mais felizes.



Dos camaradas do Grupo Editor da *Cronaca Sowersiva*, de Linn, Mass., Estados Unidos, recebemos mais 11 dollars para os camaradas vítimas dos acontecimentos de Janeiro — «Carestia da vida». Renderam 15\$67 que entregámos para serem distribuidos pelos que ainda se encontram presos.



De Chaves, para o Comité pró-presos Anarquistas, recebemos de J. M. Paiva 1\$07, de A. Carneiro \$30 e de Américo \$10, que entregaremos a um dos seus membros.



Pedimos aos camaradas correspondentes que devolvam os exemplares do n.º 1 de **A Sementeira** que não lhe façam falta, para satisfazermos vários pedidos de colecções que nos tem sido feitos.

BROCHURAS DE PROPAGANDA

Centavos

Benedy	Pedras toscas.....	2
Boutet	As vítimas (drama).....	15
C. G. T.	O dia de oito horas.....	2
Costa	Acção directa e acção legal..	3
Delaisi	Os financeiros, os politicos e a guerra.....	5
Delessalle	A Confederação do Trabalho	3
Dias	Semeando para colhêr....	2
Gori	A Anarquia perante os tribunais.....	5
Krapotkine	Os bastidores da guerra... ..	3
"	O governo revolucionário..	2
"	Um seculo de expectativa..	5
Landauer	A Social Democracia na Alemanha.....	2
Libertas	O rei e o anarquista.....	3
Malatesta	Em tempo de eleições....	2
"	A politica parlamentar no movimento socialista....	2
"	A anarquia.....	5
Mella	Aos camponeses.....	2
Pouget	A associação.....	3
Prat	A's mulheres.....	5
"	A burguesia e o proletariado	4
Silva	Teatro livre e arte social..	2
Sousa	Sindicalismo e acção directa	2
Um de nós	A Canalha.....	15
Almanaque da AURORA	para 1913.....	5
A SEMENTEIRA	— os 3 primeiros anos num volume brochado de 292 paginas; sociologia, biografias e 35 fotografuras de revolucionários, em bom papel couché.....	1\$50
4.º ano e até ao ultimo número publicado,	16 números, 128 paginas de sociologia, biografia, etc.....	30
Fotografuras de alguns revolucionários,	cada uma.....	2
Alegoria à obra de Ferrer, em papel couché		10
Montjuich. «La vision ultime», litografia a côres, alusiva ao fuzilamento de Ferrer		30

Satisfazem-se todos os pedidos de publicações, quando acompanhados das respectivas importâncias. Os pedidos de, pelo menos, 100 exemplares, editados pela nossa Biblioteca, terão 30 por cento de desconto.

A SEMENTEIRA

(2.ª Série)

AVULSO, 2 CENTAVOS
POR ASSINATURA

Em Portugal, um ano..... 24
Noutros países, um ano..... 1,75 franco

As assinaturas devem ser pagas adiantadamente. Quando tiverem de ser mandadas cobrar pelo Correio, teremos que lhe aumentar a despesa a fazer com a cobrança. Toda a correspondência deve ser dirigida à

Administração d' **A Sementeira**

CAIS DO SODRÉ, N.º 88
LISBOA — PORTUGAL